

Amaral Peixoto quer união pela democracia

No salão verde do Congresso Nacional, meia-noite, dois velhos amigos de Tancredo Neves se encontram e se abraçam emocionados: o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, e o presidente do PDS, senador Amaral Peixoto. Os dois lembraram o almoço que os reuniu a Tancredo no dia 12 de março, do qual participou também o senador Nelson Carneiro, líder do PTB, todos velhos cardeais do antigo PSD.

"Foi a despedida" — concluiu Amaral Peixoto. Ulysses dirigiu-se, então, a seu gabinete, onde o esperava sua mulher, dona Mora Guimarães, enquanto Amaral Peixoto, 80 anos, passo arrastado, só, caminhava em direção ao seu. Lá, dona Alzira Vargas do Amaral Peixoto, o esperava. Ela recordava a manhã do dia 24 de agosto, quando outro presidente, Getúlio Vargas, morria, tendo ao lado Tancredo Neves. Ambos deixaram a vida e entraram na História.

Dona Alzira Vargas conheceu Tancredo Neves quando ele foi ministro de seu pai, tendo mais tarde viajado juntos para a Espanha e a Bulgária. Politicamente, se separaram nos últimos anos, "mas não misturo política com amizade pessoal".

Amaral Peixoto, 80 anos, conheceu Tancredo em 1950, e, ao longo desses anos, enfrentaram juntos as grandes crises políticas nacionais. Agora, Amaral Peixoto considera imprevisíveis as consequências políticas desta morte, mas promete empenhar-se na defesa do cumprimento da legalidade constitucional.

— Tancredo Neves morreu pelo povo. Poderia ter se tratado antes, mas não o fez por sua preocupação de assegurar a transição. Espero que o seu sacrifício não seja inútil — acrescentou Amaral Peixoto, que não esconde sua apreensão com o momento político.

Em sua opinião, não é hora de se pensar em partidos, no PDS, mas sim na Nação. A tarefa de construção da Nova República, da democracia, é de todos.